

## A CARTA DE AMOR

### A

1. Quando Werther (no correio junto do Embaixador) escreve a Carlota, a carta segue o seguinte plano: 1. Que alegria pensar em vós! 2. Encontro-me num meio mundano e, sem vós, sinto-me muito só: 3. Encontrei alguém (a menina B...) que se vos assemelha e com quem posso falar de vós; 4. Faço votos para que estejamos juntos – Uma única informação sofre variações, à maneira de um tema musical: *penso em vós*.

2. “Porque recorro novamente à escrita?  
Não vale a pena, querida, esta pergunta tão clara,  
Pois, na verdade, nada tenho para te dizer;  
Tuas mãos amadas, porém, receberão este bilhete”

Goethe

3. “Bem vedes, escreve a marquesa de Merteuil, que, quando escreveis a alguém, é para ele e não para vós: deveis, pois, preocupar-vos menos em dizer o que pensais do que em dizer o que mais lhe agrada.”  
A marquesa não está apaixonada; o que ela postula é uma *correspondência*, isto é, um empreendimento tático destinado a defender posições, a assegurar conquistas; este empreendimento deve reconhecer os lugares (os subconjuntos) do conjunto oposto, quer dizer pormenorizar a imagem do outro em diversos pontos que a carta procurará atingir (trata-se, portanto, de uma correspondência no sentido quase matemático do termo...).

In “Mitologias”, Barthes

4. “Parece ser este o caso, por exemplo, de Delfina Molina, poetisa argentina que se empenhou em amar o sério e atormentado Miguel de Unamuno contra a vontade dele, inclusive sem a presença dele(...). A poetisa argentina era uma mulher culta e sensível; foi catedrática de Física e Química, publicou vários livros e possuía uma prosa epistolar notável, mas sofria de um trágico desequilíbrio emocional. Começou a escrever a Unamuno, que não conhecia, em 1907, quando o professor espanhol tinha quarenta e três anos e ela, casada e com três filhos, vinte e oito. Unamuno deixou de lhe responder em 1914, quando ela lhe declarou o seu frenético amor, mas mesmo assim Delfina continuou a escrever-lhe durante mais vinte e dois anos, ou seja, até à morte do escritor espanhol: cento e sessenta cartas ao todo, patéticos textos de loucura amorosa”

In Paixões”, Rosa Montero

**B.**

1. (...). Escrevi:

*Erika*

*Com os meus melhores cumprimentos, tem esta o objectivo de lhe comunicar que é minha firma intenção estabelecer consigo uma relação forte e duradoura. Queira V. compreender o alcance*

Li. O que é isto? Correspondência comercial? Escondi no bolso do casaco o papel amarrotado e recomecei:

*Erika*

*No momento em que escrevo brilha um sol tão intenso e luminoso como a paixão que em<sup>meu</sup> conduz ao seu encontro, sôfrego da felicidade que será ouvir da sua parte, mais forte que as batidas do meu coração ansioso*

Li. Sol intenso e luminoso? Sôfrego? Batidas do meu coração? Piroso, execrável. Outra bola de papel escondeu a vergonha no bolso do casaco. Insisto: *Erika*

*Finalmente chegou o ditoso dia de lhe confirmar o que decerto já leu no brilho de ansiedade dos meus olhos, ou seja, a imensidão de um sentimento que transcende a ideia que eu fazia do que era o amor, sim, só agora o sei, pelo ímpar privilégio de a ter contemplado naquela noite sublime*

Li. A imensidão de um sentimento? Brilho de ansiedade nos meus olhos? Deus do Céu, não era uma carta romântica, Erika ia achá-la cómica. Lixo. Nova tentativa: *Erika*

*Em conformidade com o que tive a elevada honra de participar ao Exmo. Senhor Doutor e sua dilecta esposa, aqui me encontro para derramar na brancura do papel as emoções que me assaltam*

Li. Em conformidade com? Excelentíssimo e dilecta? Elevada honra? Derramar na brancura do papel? Detestei. Era um fraseado patusco que parecia retirado de um centenário guia para tontos apaixonados. Dobrei em quatro, rasguei. Decidi, por fim:

*Bom dia, Erika*

*Gostei muito da festa e vou visitá-la na quinta-feira ao fim da tarde. Temos de conversar e por carta não dá. Cumprimentos afectuosos.*

*Du*

*P.S. – Informe, s.f.f., o doutor Terêncio e dona Verónica.”*

## 2. “Ofelinha:

Para me mostrar o seu desprezo, ou, pelo menos, a sua indiferença real, não era preciso o disfarce transparente de um discurso tão comprido, nem da série de “razões” tão pouco sinceras como convincentes, que me escreveu. Bastava dizer-mo. Assim, entendo da mesma maneira, mas dói-me mais.

Se prefere a mim o rapaz que namora, e de quem naturalmente gosta muito, como lhe posso eu levar isso a mal? A Ofelinha pode preferir quem quiser: não tem obrigação – creio eu – de amar-me, nem realmente necessidade ( a não ser que queira divertir-se) de fingir que me ama.

Quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimentos de advogado. O amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso “entalar”.

Por que não é franca para comigo? Que empenho tem em fazer sofrer quem não lhe fez mal – nem a si, nem a ninguém - , a quem tem por peso e dor bastante a própria vida isolada e triste, e não precisa de que lha venham acrescentar criando-lhe esperanças falsas, mostrando-lhe afeições fingidas, e isto sem que se perceba com que interesse, mesmo de divertimento, ou com que proveito, mesmo de troça.

Reconheço que tudo isto é cómico, e que a parte mais cómica disto tudo sou eu.

Eu próprio acharia graça, se não a amasse tanto, e se tivesse tempo para pensar em outra coisa que não fosse no sofrimento que tem prazer em causar-me sem que eu, a não ser por amá-la, o tenha merecido, e creio bem que amá-la não é razão bastante para o merecer. Enfim...

Aí fica o “documento escrito” que me pede. Reconhece a minha assinatura o tabelião Eugénio Silva.

1/3/1920

Fernando Pessoa”

In *Correspondência*, 1905-1922

## C

### 1. “Vá lá”, escrevam cartas de amor

Uma em cada cinco mulheres britânicas nunca recebeu uma carta de amor. Quase metade recebeu a última há mais de uma década. E quase oito em cada dez não tem qualquer dúvida de que por estes dias gostaria mais que lhe enviassem uma carta romântica do que uma mensagem de telemóvel ou uma de *e-mail* (...).

In, jornal “Público”, Agosto de 2006

2. Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,  
Como as outras,  
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.

Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia  
Sem dar por isso  
Cartas de amor  
Ridículas.

A verdade é que hoje  
As minhas memórias  
Dessas cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,  
Como os sentimentos esdrúxulos,  
São naturalmente  
Ridículas).

1. Explica por que razão o documento se encontra dividido em três momentos (A; B e C).
2. Sintetiza a informação do bloco A.
3. Comenta, perante a informação recolhida, os textos do bloco B.
4. Bloco C: . dá a tua opinião pessoal sobre a notícia (1), relacionando-a com a época em que vivemos;

. interpreta o valor contextual do adjetivo “ridículas”, não esquecendo que ele se refere a: cartas, criaturas, memórias, palavras e sentimentos.

5. Escreve (ou responde a) uma carta de amor (ridícula?).

Anotações:

O ponto 5 poderia ser substituído por cartas de amor simulando diferentes tipos de pessoas

Ex: por um adolescente (rapaz/rapariga);

por um emigrante;

por um “macho latino”;

por um engenheiro;

por uma dona de casa;

.....